

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIA NATÁLIA VALÉRIO BITTENCOURT

MEMORIAL DE FORMAÇÃO:
A afetividade como contribuição para o processo de aprendizagem

UBERLÂNDIA, 2021

MARIA NATÁLIA VALÉRIO BITTENCOURT

MEMORIAL DE FORMAÇÃO:

A afetividade como contribuição para o processo de aprendizagem

Memorial apresentado à Faculdade de Educação (FACED), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Doutora Maria Irene Miranda Bernardes

UBERLÂNDIA, 2021

RESUMO

Em atendimento como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia, este trabalho tem como objetivo resgatar memórias que fazem parte da trajetória pessoal e acadêmica e ao mesmo tempo elucidar assuntos pertinentes ao exercício da docência, valorizando o uso da escrita autobiográfica como contribuição a pesquisa na formação de professores. Serão abordados neste estudo temas como a inter-relação entre aprendizagem e a afetividade na educação básica e as emoções e desafios da docência. O trabalho está estruturado em introdução que descreve a metodologia utilizada, seção 1 que narra a história da autora e faz breves reflexões acerca das experiências pessoais familiares, na formação na educação básica, técnico-profissionalizante, na graduação e no exercício da docência; e seção 2 que contextualiza as teorias acerca do tema objeto de estudo: a afetividade e suas principais definições na compreensão de precursores de teorias sociointeracionistas da psicologia contemporânea do desenvolvimento humano - Henri Wallon e Lev Vygotsky; e finalmente considera de que forma a afetividade pode contribuir para o processo de desenvolvimento e da aprendizagem.

Palavras chave: afetividade, aprendizagem, desenvolvimento humano.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	05
2	A DOCÊNCIA EM CONSTRUÇÃO	08
2.1	O começo de tudo	08
2.2	A educação básica	09
2.3	O ensino técnico-profissionalizante	12
2.4	O ensino superior	14
2.5	A Família: as histórias, os ensinamentos e aprendizagens	19
2.6	Os mestres e a escola como inspiração	21
3	A AFETIVIDADE E A APRENDIZAGEM	23
3.1	Conceitos: afetividade e emoção em Wallon e Vygotsky	24
3.2	O papel da família e da escola no desenvolvimento da aprendizagem	26
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
	REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

Este estudo consiste em um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) como requisito indispensável para obtenção do título em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Uberlândia. A saber, o TCC:

É uma atividade acadêmica que consiste na sistematização, registro e apresentação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos, produzidos na área do Curso, como resultado do trabalho de pesquisa, investigação científica ou extensão. O TCC tem por finalidade estimular a curiosidade e o espírito questionador do acadêmico, fundamentais para o desenvolvimento da ciência (UFVJM, 2017).

Ainda segundo a Resolução da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM, 2017) as modalidades consideradas no âmbito do trabalho de conclusão de curso consistem em monografia, artigo científico, relatório técnico científico, livro ou capítulo de livro, memoriais, dentre outros tipos de trabalhos a serem definidos pelo colegiado do curso de graduação em consonância com os objetivos e habilidades a serem alcançadas pelos discentes concluintes. Por ser um trabalho de natureza científica, deve ser pautado em critérios que atendam ao rigor do método científico, possuindo coerência, originalidade e sistematização. O trabalho deve compreender uma pesquisa detalhada sobre a temática abordada a ser orientada por um professor definido pela instituição, e deve ser elaborado conforme as normatizações da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). A ABNT corresponde ao “Foro Nacional de Normalização por reconhecimento da sociedade brasileira desde 1940, e confirmado pelo governo federal por meio de diversos instrumentos legais” (ABNT, 2021).

Diante das dificuldades impostas pela pandemia de SARS COVID 19 durante o ano letivo de 2021, a Universidade Federal de Uberlândia, representada pelo Colegiado do curso de Pedagogia a distância, definiu em favor dos estudantes estabelecer como modalidade para o Trabalho de Conclusão de curso a apresentação de um memorial de formação pelos discentes aos orientadores e demais membros da comunidade acadêmica.

O memorial pode ser compreendido como um gênero de texto literário narrativo em forma de biografia que consiste na percepção social do indivíduo sobre si mesmo. Como anuncia Bernardes (2021), a produção do memorial possibilita ao indivíduo retomar memórias, reviver lembranças de pessoas, fatos e acontecimentos marcantes que fazem parte da construção da identidade profissional e pessoal do sujeito.

O memorial possibilita ao autor reconstruir sua trajetória profissional assim como também destacar teorias metodológicas que refletem acerca de sua formação e dos percursos que o encaminharam à docência. O memorial é uma maneira de cada autor modificar continuamente suas teorias e práticas e, apesar de pouco difundido em outras áreas do conhecimento, Barbosa e Passegi (2008) ressaltam que:

Esse gênero acadêmico autobiográfico é inquestionavelmente uma tradição da universidade brasileira: faz parte dela desde a sua criação. Os primeiros memoriais que temos em nossos arquivos datam dos anos 1930. Há quase oitenta anos, portanto, eles vêm *pronunciando* o mundo cultural do ensino superior no Brasil. A sua trajetória acompanha a trajetória da universidade brasileira, modifica-se como ela, adapta-se às circunstâncias sócio históricas nas quais ambos se inscrevem (BARBOSA, PASSEGGI; 2008, p. 15).

As autoras contextualizam a importância do memorial como modalidade de pesquisa para educação e ao processo formativo de educadores do Brasil:

Ao longo desse percurso, destacam-se quatro fases. A fase de sua institucionalização, nos anos 1930, como dispositivo de avaliação para o provimento do cargo de professor catedrático. A fase de sua expansão, quando se generaliza, nos anos 1980, com a redemocratização do país, como dispositivo de (auto)avaliação nos processos de ingresso no magistério superior e ascensão funcional. A fase de diversificação, ao assumir uma nova dimensão, a partir dos anos 1990, quando é introduzido como dispositivo de reflexão na formação inicial e continuada de professores como trabalho de conclusão de curso (TCC). Finalmente, a fase de fundação, nos anos 2000, quando seu uso se intensifica e ele se afirmar como objeto de pesquisa, com a “viragem (auto)biográfica” em Educação (BARBOSA, PASSEGGI; 2008, p. 16).

Este trabalho tem como eixo estruturante resgatar memórias que fazem parte da trajetória pessoal e acadêmica da autora e ao mesmo tempo elucidar assuntos pertinentes ao exercício da docência valorizando o uso da escrita autobiográfica como contribuição a pesquisa na formação de professores. Serão abordados neste estudo temas como a inter-relação entre aprendizagem e a afetividade na educação básica e as emoções e desafios da docência.

O trabalho está estruturado em introdução que descreve a metodologia utilizada, seção 1 que narra a história da autora e faz breves reflexões acerca das experiências pessoais familiares, na formação na educação básica, técnico-profissionalizante, na graduação e no exercício da docência; e seção 2 que contextualiza as teorias acerca do tema objeto de estudo: a afetividade e suas principais definições na compreensão de percursos de teorias da psicologia contemporânea do desenvolvimento humano como Henri Wallon e Lev Vygotsky,

e finalmente, considera de que forma a afetividade pode contribuir para o processo de desenvolvimento da aprendizagem.

2 A DOCÊNCIA EM CONSTRUÇÃO

Meu nome é Maria Natália Valério Bittencourt. Na verdade há 27 anos tenho esse nome e sobrenome. Durante os 6 primeiros anos de minha vida, apenas me chamei Maria Natália Valério. Meus pais são Eveline Valério, auxiliar de enfermagem, e Jânio Bittencourt Borges, auxiliar administrativo aposentado. Sim. Eles não são casados e nunca foram. Isso explica o meu registro tardio pelo meu pai. Meus pais são naturais de Araxá, estado de Minas Gerais. Minha mãe tem 58 anos e meu pai 61 anos.

2.1 O começo de tudo

A minha história começa no encontro de meus pais por intermédio de um primo da minha mãe. Minha mãe, aos 25 anos, já havia se mudado para Belo Horizonte, junto dos seus pais, meus avós, Hélio José Valério, motorista, e Maria Silveria Valério, costureira e do lar, por motivo de mudança de lotação do emprego que meu avô possuía no Departamento Estadual de Edificações e Estradas de Rodagem de Minas Gerais - DER-MG.

Meus pais se conheceram em alguma das muitas viagens de férias e passeios que minha família sempre fez por Araxá. Desta forma, nasci em 20 de abril de 1988 às 21h no Hospital Samaritano em Belo Horizonte (BH). A gravidez foi interrompida aos 8 meses, e eu e minha mãe passamos alguns transtornos até que eu chegasse ao mundo.

A gravidez que teve que assumir, mãe solteira, não foi bem aceita pelos seus pais e nem pelos irmãos: Glaice, Gladson, Hélio e Geovane. Após o meu nascimento algumas coisas amenizaram com o passar dos anos. Meu pai sabia da minha existência, convivia comigo, mas me registrou apenas aos 7 anos, pois minha mãe possuía um medo irracional de que ele requeresse a minha guarda. Por insistência minha para possuir um registro que constasse o nome do meu pai já que eu o conhecia, minha mãe cedeu. Lembro-me exatamente do dia deste tão sonhado registro em que eu mesma escolhi meu segundo sobrenome “Bittencourt”. Tenho um orgulho imenso da minha história, da trajetória de superação, de lutas, e conquistas que eu e minha mãe enfrentamos juntas até os dias de hoje, mas possuo necessidade de reconhecimento perante a sociedade da minha paternidade, ainda que tardia.

Nesta breve apresentação é necessário mencionar que minha mãe sempre trabalhou como auxiliar de enfermagem, desde antes do meu nascimento. Muita habilidosa, ela passou por diversos setores da enfermagem e eu vivenciei todos eles muito de perto. Após trabalhar como recepcionista iniciou sem experiência nenhuma como auxiliar de enfermagem no Hospital Santa Rita, na ala pediátrica, internações e cirurgia. Foi convidada em 1992 para

integrar um novo projeto na maternidade Octaviano Neves, UTI Neonatal – O NEOCENTER. Lá permaneceu até 2002. No entanto, este grupo possuía várias unidades em outros hospitais, e minha mãe chegou a trabalhar em 3 delas ao mesmo tempo. Era necessário trabalhar bastante para arcar com as despesas da minha educação. Este fato é importante mencionar para que entendamos mais tarde a importância de outros personagens na minha formação, já que minha mãe esteve ausente a maior parte de minha infância.

Sempre moramos com meus avôs maternos devido a impossibilidade de minha mãe ser minha cuidadora ao mesmo tempo em que exercia a enfermagem em tempo integral. Meus avôs dispensavam todas as pessoas que ela contratava para cuidar de mim. Desta forma, fui criada por eles. Meus padrinhos, madrinhas e primas também contribuíram bastante para minha formação pessoal e profissional. Ao longo do trabalho vamos conhecer e compreender o papel de cada um deles.

2.2 A educação básica

Iniciei os estudos aos 2 anos de idade por que foi a melhor forma de me manter menos sobre a responsabilidade dos meus avôs e contribuir para o meu desenvolvimento intelectual e psicológico. Naquela década (1990), não havia ensino infantil gratuito em Belo Horizonte, apenas pequenas escolas privadas nos bairros. Iniciei em uma escola chamada “Criança Dois Mil”, cursei o Maternal 1 e o Maternal 2. Tenho pouca recordação dessa escola, apenas do dia da quadrilha em que fui nomeada Rainha da Pipoca. Meus primos, sobrinhos de minha mãe, moravam todos próximos a nós e todo mundo estudava na mesma escola, é o pouco que me lembro desta época.

Quando completei 4 anos minha mãe optou por me mudar de escola, e andamos pelo bairro para que nós pudéssemos conhecer as escolas infantis e escolhemos uma escola chamada “Turma da Glorinha”. Glória era o nome da professora dona da escola, e a mesma lecionava para as crianças. Lá permaneci dois anos também. Cursei o primeiro e o segundo período. O que mais me lembro de lá é do uniforme, lindo, uma saia short verde xadrez e uma blusa branca e também me recordo de um teatro da Páscoa que eu representei uma galinha.

Minha avó confeccionou a fantasia de galinha. Pedimos as penas dos frangos nas granjas, naquela época não se tinha costume de frango congelado. Era morto na hora. Lavamos as penas, secamos, e pregamos uma a uma em uma roupa branca. Minha avó costurava. E minha mãe fez o bico, e o restante da fantasia. Foi divertido, mas um coleguinha do bairro me chamou por anos de “Piu-Piu”. E isso me “matava de raiva”. Daí, mudamos para outra escola para cursar o 3º período.

A escola existe ainda, mas na época estava iniciando, e eu fui da primeira turma. Chamava-se “Meu cantinho Feliz”, era pequena, mas muito aconchegante, eu não tinha muitos coleguinhas, minha turma tinha menos de 10 alunos e eu me lembro de quase todos. A professora era a Tia Lúcia. Pessoa que eu admiro e mantenho contato até hoje pelas redes sociais. Nessas escolas infantis desenvolvi habilidades principalmente relacionadas a produção de linguagem. Aprendi a escrever letra cursiva (letra bastão aprendi sozinha), aprendi a ler melhor (pois eu havia aprendido a ler sozinha), aprendi a representar teatros e falar em público, aprendi a memorizar textos muito rapidamente.

Lembro que a primeira palavra que eu escrevi foi GLOBELEZA. Eu assistia muita TV, pois ficava muito sozinha, e de tanto observar a propaganda de carnaval escrevi a palavra sozinha. A leitura foi estimulada por minha mãe e minha tia, que também é minha madrinha, através das coleções da Turma da Mônica. Eu tinha assinatura e semanalmente chegavam revistinhas em quadrinhos para ler. Inicialmente eu pedia que lessem para mim, depois fui interpretando os desenhos sozinha, descobrindo as letras, aprendi os significados das palavras e aos 6 anos eu já sabia ler muito bem para minha idade.

Pelo cadastramento escolar fui direcionada para uma escola Municipal do meu bairro, se chama Joaquim Teixeira Camargo. Era uma escola ampla em salas de aula, mas quadra e pátio pequenos, e não me lembro de existir laboratórios ou uma biblioteca. Recordo-me muito pouco dessa escola, pois nos dois anos que lá permaneci houve muitas e longas greves. Então, eu passava mais tempo fora da escola.

Cheguei a vir para Araxá com meus avôs passar alguns meses e estudei algum tempo na escola Alice Moura junto com uma prima. Tenho ótimas recordações desta escolinha. O dia especial foi quando nos vestimos de mamãe. Minha família ajeitou as roupas e eu fiquei bem bonitinha.

Mas logo retornei para BH, concluí o 1º ano, iniciei o 2º ano do Ensino Fundamental também na escola Joaquim Teixeira Camargo e minha mãe muito insatisfeita com as greves conseguiu uma vaga no Sesi Marisa Araújo, no bairro Gameleira em BH. É uma escola particular, mas eu havia entrado com bolsa de estudos que os filhos de funcionários da indústria possuíam naquele momento. Meu pai trabalhava na então Fosfertil, hoje Mosaic, na Tapira e eu conquistei essa oportunidade.

Dessa escola eu me lembro de tudo. Das professoras e professores, da estrutura da escola, dos amigos, das festas, das gincanas, das viagens, enfim. Meu mundo se ampliou nesse lugar mágico. Acredito que todas as oportunidades que eu tive foram graças a essa escola. Minha mãe tinha que trabalhar muito para pagar a mensalidade, a van escolar, o

uniforme, os materiais, lanche, e as atividades que a escola propunha. Minha mãe não media esforços e se endividou muito por isso.

A mensalidade era entregue aos alunos e eu sempre recebia carta de cobrança em sala de aula por atraso de pagamento. Nunca fui tratada diferente pelos colegas e professores por este motivo. Todo mundo me conhecia, sabia das dificuldades de minha mãe e ninguém julgava. Não me senti diferente em momento algum. Pelo contrário, era super elogiada e querida pela equipe, que hoje se desfez pela morte da nossa querida diretora Rosa Nassif. A escola SESI deixou de ofertar o ensino fundamental neste local e os professores construíram adjacente ao espaço do Sesi, a Escola Alternativa. Lá cursei do 5º ao 8º ano. E no Sesi o 3º e o 4º ano. Ambas as escolas ofertavam natação, aula de informática, inglês, filosofia, incentivo aos esportes (vôlei, peteca, basquete, handbol, futebol). Possuíamos o dia bem ocupado, por alguns anos me lembro de ter aula até meio dia. Ao final do 8º ano mudamos para outro espaço na mesma rua do Sesi, mas em outro prédio, pois a escola havia ampliado e ofertava também o ensino médio, a partir de 2001.

No entanto, a mensalidade subia conforme a idade aumentava, e minha mãe não estava conseguindo arcar com as despesas. Eu tinha como meta ser aprovada no CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológica), por influência de minha prima que eu considero uma irmã. Tentei bolsa em cursos preparatórios para o CEFET, conseguia sempre 50%, o que não era suficiente para minha mãe conseguir pagar. Minha mãe estava muito esgotada da correria em BH, já havia me colocado no transporte coletivo da cidade, que era mais barato, mas que havia a preocupação de atravessar a Avenida Amazonas, e também várias outras ruas que possuíam pivetes e trombadinhas, muito comuns em BH. Minha mãe se sentia aflita com essa situação. E com a preocupação de que se eu não fosse aprovada no CEFET teria que estudar na rede pública, da qual ela não havia gostado, por motivo das greves.

Diante disso, viemos passar um feriado em Araxá no início de 2002, e ao visitarmos minha avó paterna, percebemos que ela se encontrava muito doente, e meu pai que havia se casado há poucos meses não estava conseguindo cuidar dela. Minha avó morava sozinha desde o casamento de meu pai e foi diagnosticada com Alzheimer em 2001. Minha mãe se comoveu com a situação e propôs ao meu pai víamos morar aqui em Araxá, na casa de minha avó, para cuidar dela como enfermeira, se em troca ele arcasse com as despesas escolares, e pensando que aqui seria mais seguro e tranquilo para eu morar. O acordo foi feito, e em julho de 2002 mudamos para Araxá. Foi um choque para eu sair da escola que tanto amava, abandonar meus amigos, minha história, minhas metas para vir para uma cidade do interior. Aqui fui matriculada na Escola Estadual Professor Luiz Antônio Correa de Oliveira

(Polivalente) no turno da Tarde. E confesso que detestei. Não gostei do ensino, da bagunça dos colegas, da estrutura curricular. Por vezes eu chorava muito, me sentindo perdida em meus planos. Mas fiz amigos, conheci bons professores. A escola resolveu ofertar um cursinho preparatório para o CEFET gratuito no período noturno. Eu frequentei e segui firme em meus planos.

Nas férias de dezembro e janeiro eu frequentei a biblioteca pública da cidade todos os dias. Estudei e revisei todos os conteúdos que faltavam para a avaliação do CEFET. Em Araxá, dentre as opções que eu tinha no CEFET optei pelo Técnico em Mineração, pois era o que mais se aproximava das ciências da natureza as quais eu mais gostava na escola. Até então eu não possuía dificuldade em nenhuma disciplina. Mas no 8º ano foram apresentadas a química e a física, e eu não me adaptei a física. Até porque não tive boas aulas no Polivalente. E então começaram as minhas dificuldades de aprendizagem, que se perpetuaram no Ensino Médio.

2.3 O ensino técnico-profissionalizante

Fui matriculada na Escola Estadual Dom José Gaspar por garantia de vaga, caso eu não fosse aprovada no CEFET. Mas que aflição essa espera pelo resultado. Eu havia realizado a prova, conferido o gabarito com os amigos e quase nada era compatível. Retornei para casa aos prantos. Morava na Rua Rio Grande do Sul, bem pertinho do CEFET. Foi um dia inteiro de choro. Os gabaritos não saíam no mesmo dia e a internet era muito menos difundida do que é hoje. Mas lembrei de minhas amigas de BH que faziam os cursos preparatórios e lá havia correção da prova. Liguei e elas me passaram. Eu havia feito 43 pontos, se não me engano, nas 60 questões. Para concorrência em BH era pouca nota e eu fiquei em pânico. Fui ao CEFET no dia proposto ver meu resultado no mural. Antes que eu chegasse ao CEFET, fui recebida pelos amigos com ovos, farinha, café, água e muitas combinações estranhas em meus cabelos. Eles haviam me dado a notícia de que havia sido aprovada em 3º lugar geral. Eu não acreditei, tive que ver com meus próprios olhos. E lá estava meu nome. Aprovada no curso técnico em mineração. Acredito que foi o melhor dia da minha vida e da minha mãe, tiramos um peso da consciência.

Voltei para casa transbordando alegria. Iniciei os estudos em fevereiro de 2003. Cursava o ensino médio pela manhã e o ensino técnico a tarde. Era extremamente cansativo. Eu não possuía vida social fora do CEFET. Mal encontrava meus pais. Mas formei uma família lá dentro. Os professores, funcionários, os colegas de turma, de curso ou de outros cursos, eram todos um só. Todo mundo estudava junto, sofria junto nas provas, chorava

depois delas, aprendia a receber um zero e seguir em frente. Contentava-se com a média, o que antes era inaceitável para a maioria de nós ali.

Como eu mencionei antes, não tive problemas com as disciplinas do ensino regular, pois eu me esforçava e conseguia boas notas. Mas física, definitivamente não era para mim. Quase fui reprovada no 1º ano. Amava o professor Humberto. Mas eu não saía bem nas provas. Criei um trauma, e por mais que eu estudasse, tudo saía errado. Mas por incrível que pareça, fui aprovada. Muitas aulas particulares e eu consegui. Iniciei o segundo ano com colegas a menos, pois éramos 5 nos primeiros anos e nos tornamos duas turmas apenas. Já fiquei esperta com física e me dediquei demais. O professor José Valter era temido e eu me preparei muito para aquela série. Deu tudo certo, fui aprovada. Mas havia iniciado o curso técnico, os conteúdos só multiplicavam e foi ficando cada vez mais difícil sobreviver àquela escola.

Eu iniciei acompanhamento psicológico por recomendação da equipe pedagógica para aprender a lidar com a pressão e a cobrança extrema que sofria. Amava e amo todos os professores que tive por lá, nunca achei que fosse pessoal. Era difícil mesmo, e era um desafio que eu queria muito vencer. Meus pais me cobravam sair desta escola, por que já estavam preocupados pelo fato de eu não dormir, estudar demais, não viajar com eles e estar sempre envolvida demais com os assuntos do CEFET. No início do 3º ano éramos apenas uma turma de 35 pessoas com todos os cursos técnicos reunidos. De 170 alunos aprovados para o 1º ano em 2003, sobraram 35 para concluir o ensino médio em 2005. Éramos vencedores já. No entanto tive alguns contratempos.

Precisei operar meu joelho em julho de 2005, pois sou portadora de uma síndrome degenerativa na patela em ambos os joelhos. Mas o CEFET se adaptou todo a mim, mudou minha sala de localização para que eu pudesse conseguir caminhar, meus amigos me ajudaram no tempo que estive de repouso e os professores eram sempre compreensivos. Meu avô me levava e me buscava 4 vezes ao dia de carro. Fazia fisioterapia, ensino médio e técnico a noite nesse momento. As turmas do técnico também foram reduzidas e os 10 alunos do curso no período da tarde foram relocados para o noturno, para atender as necessidades de redução de gastos do curso. Fiquei mais cansada ainda. Mais ansiosa. Mas houve uma greve de dois meses no CEFET em novembro e dezembro de 2005 e não poderíamos concluir o ensino médio a tempo dos vestibulares que eu tanto sonhava.

Muitos colegas mudaram para outras escolas, apenas eu e mais 16 permanecemos no CEFET. Concluímos o curso em fevereiro de 2006. Não pude prestar o vestibular para Geologia, paixão que eu havia descoberto no curso de mineração. Envolvi-me completamente

nas disciplinas de Geologia, Química, Topografia e na elaboração cartográfica. Tornei-me bolsista voluntária e participava de todas as oportunidades para minha formação profissional. Particpei de um Congresso em Araxá no grande hotel do Barreiro por 7 dias, quando tive certeza do curso que eu queria na graduação. Mas eu tinha apenas duas opções de universidades em MG que ofertavam estes cursos: UFMG ou UFOP. Minha mãe descartou a UFOP, por não querer que eu fosse morar em Ouro Preto, pela fama de bagunça dos universitários. Então me restava aguardar o vestibular de 2007 para Geologia na UFMG.

2.4 O ensino superior

Durante o período que estava no CEFET, surgiram alguns vestibulares para ingressar na Universidade Federal de Uberlândia, e também o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM. Fiz todos eles para me preparar para o vestibular da UFMG. Depois descobri que o ENEM me dava acesso ao Pro Uni (Programa Universidade Para Todos), e que eu poderia ser bolsista em universidades particulares. Mas não havia Geologia em universidades privadas. Comecei, então, uma busca pelos cursos que possuíam afinidade com os meus interesses. Pesquisando na internet no site da PUC Minas (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais) encontrei o curso de Geografia, com um diferencial, a ênfase em Geoprocessamento. Amei a grade curricular do curso e por ter semelhanças com a Geologia eu poderia me transferir para UFMG mais tarde e não iria perder um ano.

Inscrevi-me para ganhar bolsa integral no curso. Havia apenas duas vagas. E eu fui a primeira selecionada. Minha mãe não acreditou que eu iria para BH sozinha. Mas eu insisti tanto até que encontramos uma solução. Eu fui morar com uma madrinha, na mesma rua em que eu nasci e me criei. Ela não iria cobrar as despesas, e eu só tinha que estudar bastante. E assim em julho de 2006 me mudei novamente para BH para iniciar minha primeira graduação. Muito transtorno e muitos obstáculos para comprovar a necessidade da bolsa. Mas vencemos e eu segui. Logo no primeiro período, me deparei com a disciplina de Geologia, a qual eu conhecia bastante pelo curso técnico em mineração. Logo me destaquei e os professores perceberam minha facilidade para orientar os colegas do curso, em função do domínio do conteúdo e da afinidade com a metodologia científica.

No segundo período, eu já fazia parte do Diretório Acadêmico do meu curso e de alguns projetos da Universidade em parceria com a prefeitura de Contagem. Lecionava Geografia para alunos de baixa renda do ensino fundamental do município de Contagem, uma vez na semana e recebia um auxílio de 75 (setenta e cinco) reais que ajudava nas despesas que eu tinha durante o curso, como Xerox e o lanche. Permaneci nesse projeto até o 4º período,

quando fui convidada para ser monitora da disciplina de Métodos Quantitativos (Estatística). O medo foi grande, não me achava preparada. Mas fui muito incentivada pelo professor Paulo Fernando, e por minha mãe que sempre acreditou no meu talento para ensinar. Permaneci um ano na monitoria. Era o permitido pela universidade, pois havia rotatividade neste cargo.

No 5º período, se faz a escolha de cursar apenas o bacharel ou associar a licenciatura. Eu havia decidido por cursar apenas o bacharel, já que meu interesse era trabalhar com pesquisa, elaboração cartográfica, associando ao meu curso técnico em mineração com foco em empresas de consultoria. No entanto, minha mãe insistiu muito para que eu concluísse a licenciatura também. Já que era gratuito, para fazer a vontade dela, dei sequência em ambas as graduações. Confesso que achava um tédio todas as disciplinas que tratavam da licenciatura. Por vezes eu dormia na sala, me ausentava por longos períodos, faltava as aulas, por que eu tinha vergonha das professoras por não me interessar no que elas explicavam. Não era nada pessoal, mas eu era contra o que elas pregavam, achava muito distante da realidade. Mas eu fechava as provas, os trabalhos, fazia todos os relatórios de estágio impecáveis, realizei todos os estágios no ensino infantil, fundamental 1 e 2, e ensino médio com toda dedicação que sempre coloco em tudo que faço.

Dediquei-me arduamente aos dois cursos, o bacharel e a licenciatura. Fiz vários cursos paralelos a essas atividades, fui bolsista de iniciação científica, fui corretora de relatórios de estágio, fui organizadora pessoal de diversos professores, dos seus acervos bibliográficos, editei e elaborei mapas, textos e planilhas para o mestrado e doutorado de alguns professores, participei de seminários, congressos, conferências, viajei bastante com a universidade por Minas Gerais. Aprendi sobre a natureza, sobre as pessoas, sobre as cidades, sobre a história, a sociologia, a antropologia, a biologia, a matemática, e acredite, me deparei com a física em diversas disciplinas. Em climatologia tive o maior desafio do curso, pois envolvia muita física.

Foi nesse período do curso que fui diagnosticada com Transtorno de Ansiedade Generalizada. Iniciei medicação e permaneci com o tratamento psicológico. Tive bastante apoio dos professores, dos amigos e da minha família, principalmente minhas madrinhas, tias, tio, minha mãe e meu então noivo. Passei dificuldades financeiras e afetivas em BH, e isso despertou esse transtorno. Minha mãe que já havia perdido a minha avó paterna, trabalhava como auxiliar de enfermagem no Hospital Casa do Caminho. Mas neste ano (2008) havia sido demitida. Não tínhamos renda para me manter em BH, meu pai negou auxílio, e na justiça consegui uma ajuda de custo de 200 reais mensais até o término do curso. Eu teria que retornar no meio do curso diante da dificuldade financeira para me manter em Belo Horizonte,

no entanto, como sempre encontro anjos pelo caminho, uma tia me convidou para morar em seu apartamento, pois eu já estava morando em república até então, e arcando com os custos de aluguel, água e luz. Meus professores me envolveram em todos os projetos remunerados da faculdade para que eu recebesse o suficiente para me manter na universidade. Trabalhei arduamente do 5º ao 8º período. Conciliava as duas graduações, estágios, monografia, monitorias, iniciação científica, e os trabalhos para os professores que me rendiam o suficiente para alimentação, água, luz, transporte e internet.

Eu praticamente não dormia, estudava até as 13h na universidade, realizava estágio até as 17h:30, retornava para casa depois de alguns longos trajetos de ônibus, às vezes debaixo de chuva e com uma mochila muito pesada e um tênis furado. Após o jantar e um banho, iniciava a maratona de trabalhos, estudo, monografia, que entravam madrugada adentro. Nos finais de semana era a mesma rotina, exceto no sábado, que era dia de lavar a roupa e faxinar o apartamento. Esta rotina durou por longos 2 anos, os quais me renderam insônia, ansiedade, refluxo, pedras na vesícula e algumas deformações na coluna. No entanto, eu fazia tudo de novo. Ao final de junho de 2010, minha apresentação de conclusão de curso finalizava minha graduação, e no mesmo dia, internava minha bisavó de 98 anos em um hospital sem quase nenhuma consciência, e depois de pouco mais de 20 dias eu a enterrava junto de todos os familiares que havia me apoiado ao longo dos 4 anos de universidade. Em função do pouco dinheiro, eu já havia planejado participar apenas das cerimônias que não me custariam quase nada, além da roupa e da maquiagem. Os ânimos não eram os melhores, mas apesar de tudo, em 21 de agosto de 2010, minha formatura foi muito linda. E o orgulho da minha mãe estava estampado nos olhos e no sorriso dela e em meus também. Foi o segundo dia mais feliz da minha vida.

Quando concluí o curso em 2010, tentei vários concursos, retirei meu registro no Conselho Regional de Engenharia e Agronomia de Minas Gerais – CREA MG, me candidatei a algumas vagas de emprego em instituições públicas e privadas, mas não tive êxito. Meus professores me incentivaram a fazer a prova para admissão no mestrado da PUC MG em Tratamento da Informação Espacial, mas no meio dos estudos, eu desisti por perceber que não iria conseguir concluir a prova de língua estrangeira, pois não possuo nenhum aperfeiçoamento na área. As provas eram traduções de produções geográficas e os candidatos que eu conhecia estavam se preparando há muito mais tempo que eu. Enquanto eu me preocupava em manter trabalhos para arcar com as despesas de custo de vida, outros colegas já estavam fazendo cursos de línguas e definindo seus projetos de pesquisa. Eu não tinha condições de pagar o mestrado e precisava ser aprovada com bolsa de dedicação exclusiva, e

diante do óbvio, resolvi não tentar e focar em encontrar emprego, afinal minha mãe ainda estava sem trabalho.

O dinheiro que eu recebia dos projetos havia se esgotado, pois o vínculo com a universidade tinha acabado. Graduei-me em agosto e permaneci em BH até dezembro. Retornei para Araxá na certeza de que não seria feliz profissionalmente, pela ausência de oportunidades na minha área de atuação. Mas continuei tentando os empregos e concursos na minha área no estado de Minas Gerais e em outros. Em março consegui estágio para conclusão do meu curso técnico em mineração (pois não havia obtido meu título por ter ido cursar a faculdade) na Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração - CBMM, e por lá fiquei 3 meses; infeliz com a experiência em julho resolvi prestar o processo seletivo da Vale também para estágio, e fui aprovada em todas as etapas, então decidi mudar de empresa. Lá permaneci por um ano, até julho de 2012. Acreditei por muito tempo que eu iria permanecer na empresa, pois prestava serviços de consultoria em mineração e geoprocessamento. Mas não tive oportunidades nesta área na empresa. As demais áreas, muito operacionais e que demandam preparo físico, eu não conseguiria trabalhar pela síndrome de desgaste no joelho, que piora ao subir escadas, o que é muito presente nas usinas de operação. Diante do término do estágio, passei dois meses procurando emprego, e fui contratada por uma médica, como secretária de um consultório oftalmológico. Trabalhei de setembro a fevereiro de 2013 no consultório.

Em 2011, eu havia prestado o concurso promovido pela Secretaria de Educação para professora regente de Geografia na educação básica. Novamente a pedido da minha mãe eu me inscrevi neste concurso e realizei a prova, mas não gostaria de passar. Apenas uma vaga, a esperança de não passar era grande, mas fiquei em segundo lugar. Na época dei graças a Deus. Logo que se encerrava o ano minha mãe se sentia frustrada por eu não estar na área de formação e trabalhando muito e ganhando pouco e insistiu novamente para que eu tentasse lecionar. Candidatei-me a designação do estado de MG no município de Araxá para o cargo de professora regente da educação básica utilizando minha classificação do concurso, e consegui um cargo na Escola Estadual Vasco Santos. Lá permaneci por um ano. Até que fui nomeada e assumi o cargo de professora na Escola Armando Santos em 2014.

Estou professora desde 2013, já terminei o estágio probatório do concurso para qual fui nomeada em 2014. Encontro-me novamente aprovada no concurso do estado para o município de Araxá (acreditem eu fiz o concurso de novo em 2018). Neste caminho, encontrei muitos desafios para lecionar da forma que eu aprendi que era correto. Tenho me decepcionado muito com a carreira de professor, mas nos últimos tempos percebi minha

vocação e potencial para ministrar aulas, o que eu não havia percebido durante a graduação, mas minha mãe já, desde a minha infância. Comecei a perceber que sempre tive vocação tanto para Geografia quanto para lecionar. Desde pequena gostava de brincar de escolinha, de ensinar todo mundo, de falar bastante, de mexer com a natureza, na terra, nas plantas e nos animais; sempre adorei viajar, explorar lugares e sempre gostei de crianças.

Decepcionada com os problemas que enfrento com os adolescentes nas escolas, pela falta de valores, respeito, compromisso destes, e por sofrer agressões físicas, verbais e psicológicas durante os 4 primeiros anos de magistério, decidi me dedicar aos alunos do ensino fundamental dois, na faixa etária de 11 anos, por sugestão de minha diretora. Ainda assim, percebi que prefiro os alunos menores - faixa etária abaixo dos 11 anos, e resolvi pesquisar sobre o curso de Pedagogia. Encontrei nas redes sociais a oportunidade em me graduar gratuitamente na Universidade Federal de Uberlândia em 2017, me inscrevi, estudei para avaliação, incentivei algumas pessoas conhecidas e realizei a prova de vestibular muito tranquila, diferente de todos concursos que realizei. Sai da prova pedindo a Deus que se não fosse esse o caminho a seguir, que eu não fosse nem aprovada no vestibular, pois não queria me frustrar mais uma vez. Mas aconteceu o oposto. Fui aprovada e fiquei imensamente feliz e empolgada com o início do curso. No primeiro semestre do curso fui imensamente feliz, e estava muito empolgada em realizar amigos, construir novas experiências e talvez encontrar o meu caminho profissional e minha realização pessoal.

Não realizei um bom curso no segundo e terceiro ano, pois meus avôs, aqueles que me criaram, se encontravam muito doentes, e eu único suporte de minha mãe, tive que ajudá-los nesta luta. Enfrentamos árduos obstáculos físicos, emocionais, psicológicos, financeiros, profissionais, familiares, que me fizeram optar por não priorizar a universidade neste momento, e confesso que realizei as atividades, as provas e os trabalhos com a dedicação mínima que sou capaz, mas que fisicamente e mentalmente não eram possíveis. Foram 3 anos de batalha contra um câncer e uma insuficiência cardíaca, que levaram de mim em outubro de 2019, a referência masculina que eu possuí em todos os meus 32 anos de vida, o maior incentivador e entusiasta dos meus sucessos profissionais e pessoais e o dono de parte do meu coração, meu avô.

Estou escrevendo este trabalho sem nenhuma certeza de aprovação, pois não muito diferente de 2019 eu estou esgotada mentalmente e me recuperando de sucessivas perdas que vieram antes e depois da partida do meu avô. Logo após sua partida, enfrentei alguns problemas de saúde que já vinham se arrastando por anos, mas que eu não encontrava tempo para dedicar ao meu cuidado. Em janeiro de 2020, após uma cirurgia, fui diagnosticada com

endometriose nos ovários, útero, bexiga e intestinos. A justificativa para anos de dores, e sucessivas idas e vindas a hospitais foram esclarecidas, mas uma sentença de doença sem cura e de possível infertilidade abalaram meu relacionamento de 14 anos. A dedicação árdua aos familiares e a minha carreira também me fez perder esta pessoa que não compartilhava dos mesmos objetivos que eu, mas que era uma grande influenciadora e incentivadora da minha carreira como Pedagoga.

Apesar das percas, dos desafios familiares, havia ainda um maior desafio a nível global: a pandemia SARS COVID 19. Minha rotina de aplicar provas, corrigir, elaborar outras, fechar notas anuais, participar de conselhos de classe, formatura, e realizar provas presenciais do curso de Pedagogia sumiu por longos 2 anos. É como se o tempo tivesse parado em 2019 e ainda não tivesse acreditado que tudo que aconteceu neste período tenha sido real.

2.5 A Família: as histórias, os ensinamentos e aprendizagens

Minha família se resume a poucas pessoas, e principalmente a minha mãe. Convivi com meus avôs maternos praticamente a maior parte da vida. Conheci pouco da minha mãe em 13 anos, nos aproximamos mais quando mudamos para Araxá. Permanecemos distantes por 4 longos anos. Nós encontramos novamente aos meus 22 anos. Sou muito apegada a ela, e ela a mim. Ela é minha mãe e meu pai ao mesmo tempo. Minha avó é uma segunda mãe. Mas eu tive inúmeras mães até hoje. Algumas tias, madrinhas, as amigas de minha mãe, mães de amigas da faculdade, amigas da faculdade que me tornaram parte da família delas, pois eu estava longe da minha. Nos empregos encontrei alguns colegas que se dizem minhas mães adotivas. Pai, eu só tive um de maior referência - meu avô - para onde eu corria quando eu e minha mãe precisávamos de ajuda. Meu pai, eu pouco convivi e convivo. Ainda hoje, temos uma relação muito complicada.

A missão de professor e os desafios de vida que eu tenho encontrado dentro e fora da escola tem me evoluído como filha, como neta e como profissional. Já me sinto vitoriosa e me superando cada vez mais. Os desafios emocionais, ou seja, eu mesma, é o meu maior obstáculo. Este curso tem aberto portas, oportunidades, olhares e percepções de vida pessoal e profissional que eu ainda não havia encontrado. É um desafio enorme e eu permaneço lutando com o incentivo permanente de minha mãe que sempre acreditou no meu potencial para ensinar.

Minha família não teve boa formação escolar. Minha mãe não terminou o ensino fundamental, mas sempre disse que a herança que ela me deixa são os estudos, aos quais eu

me agarro desde que nasci praticamente. Minha infância foi marcada por muita solidão, por horas sozinha em meu quarto, e a escola não foi a minha segunda casa, foi a primeira. Eu preferia estar lá do que em qualquer outro lugar. Até doente, eu me arrastava e ia estudar. E hoje me arrasto e vou trabalhar.

Minhas madrinhas me incentivaram muito nos estudos. Elas são engenheiras civis não atuantes. Um pouco da minha paixão por desenhos cartográficos, eu herdei da convivência com elas. Minha paixão pelo CEFET, herdei da minha prima, irmã de coração, Aline. Meu amor pela natureza eu herdei principalmente de minha tia-avó Lili, a qual sempre gostou demais de animais e plantas. Eu ia sempre a sua casa passar finais de semana, feriados e férias, e lá eu me divertia subindo em árvores, mexendo na Terra, conhecendo animais e plantas. Fui estimulada com todo tipo de jogos relacionados às ciências. Meu brinquedo mais amado é um microscópio. Guardo até hoje. Caminhando para o magistério também sempre possuí um amor por artigos de papelaria. Herdei esse hábito das minhas madrinhas que também são formadas em magistério.

O amor pela fotografia, por museus, por história, por viagens, culturas, pessoas diferentes, histórias de vida herdei dessas mesmas pessoas. Já minha mania de ajudar, de ensinar e auxiliar, herdei dos meus pais e avôs. Tenho um certo talento também para cuidar de idosos, e uma paciência que todo mundo acredita que eu não tenho. Sou uma criança adulta. Gosto de desenhos, de animações, de enfeites e decorações infantis. Isso me aproxima ainda mais do universo das crianças. Eu falo a mesma língua delas. Gosto de conversar com crianças e tenho vários amiguinhos pequeninos: vizinhos, primos, filhos de amigas de trabalho ou faculdade. As pessoas costumam dizer que “eu tenho açúcar para criança”. Mas para adolescentes e adultos sou o inverso.

Sou muito próxima dos primos, tias e tios de minha mãe. Os parentes de meu pai, eu mal conheço. Conheci apenas meus avôs e me lembro deles com muita saudade, mas poucas histórias. Neste período da COVID 19 perdi amigos como um mestre/chefe que me orientou enquanto estive na Vale Fertilizantes - Tapira realizando meu estágio em Mineração, perdi o único tio-avô que me trazia um pouco de proximidade com a referência de meu avô. Perdi algumas memórias com a partida de pessoas especiais como uma tia muito amada que faleceu um ano antes do início da pandemia e que também levou parte do meu coração.

Isto posto, escolhi falar sobre afetividade em meu memorial e sobre a sua importância para a construção de aprendizagem e da formação identitária de um indivíduo por que não vejo outro motivo na minha história para ter vencido e superado tantos obstáculos que não fosse todo carinho, incentivo, amor, cuidado que recebi das pessoas que citei ao longo

desta narrativa. Mas de todas, acredito que os maiores responsáveis por minhas escolhas e sucessos na carreira do magistério de onde advém toda minha inspiração e força para lutar contra os obstáculos que surgem são os mestres e o espaço escolar. A escola nunca foi minha segunda casa, foi o meu primeiro e será sempre meu grande lar.

2.6 Os mestres e a escola como inspiração

Minhas maiores referências de vida são meus professores. Convivi mais com eles do que com a minha família. Desde os dois anos, não permaneci nenhum ano fora de algum curso. Minha profissão é estudante para sempre, pois antes de ser mestra serei sempre aluna. Lembro de quase todos os mestres. Não tenho más lembranças de nenhum. Guardei somente as boas. Hoje como professora, entendi várias atitudes para comigo, que algum tempo atrás eu não compreendia. Nunca fui um “problema” para as instituições que estudei. Sempre fui orgulho, e também sinto orgulho de ter feito parte. Lembro-me com carinho de tantas aulas que quando explico algum conteúdo me recordo exatamente como me foi explicado, a gravura do livro que eu vi, ou os trabalhos de campo que eu fiz. Quanta saudade!

Cada pedacinho de mim é formado por um professor. Muitos me ajudaram a construir valores. A honestidade e o caráter das minhas escolhas profissionais, e muitas vezes pessoais, devo a eles. Sempre que tenho uma dúvida, recorro a eles. Sempre que preciso de uma palavra amiga, ou às vezes de um puxão de orelhas também vou até eles. Nunca fui “puxa-saco” de professor, sempre mantive a proximidade sem melosidades. Não sou uma pessoa muito carinhosa em atos, sou boa em expressar sentimentos por palavras e tenho os sentimentos e intenções mais verdadeiros. Acredito nos meus mestres e confio minha formação profissional com certificado de qualidade pelas grandes influências que recebi. Os certificados do CEFET e os da PUC MG eu tenho um apreço imenso. Agora que o curso está se acabando tenho cada vez maior apreço pela UFU e me recordo com carinho de alguns momentos inspiradores, mesmo que a distância.

Os mestres foram as pessoas que mais exigiram de mim, que me fizeram chorar por muitas vezes, mas que não me deixaram desanimar e desacreditar do meu potencial. A única lembrança que tenho de um professor bravo comigo é no CEFET. Professor Vicente. Lecionava História no 3º ano do Ensino Médio, quando eu dormi profundamente na sua aula. Ele se ofendeu muito e me expulsou de sala. Foi a única vez na vida que fiz isso. E entendi que foi merecido. Aprendi que é muita falta de respeito e desmotivador para o professor quando um aluno dorme em sua aula. Mas por outro lado eu estava exausta. Para não fazer isso na universidade, eu preferia sair da sala ou não ir às aulas que provocavam sono.

Atualmente no curso de Pedagogia, me vejo muito superior como pessoa e como profissional da educação básica nos anos finais. Compreendi através de muitas disciplinas, como Psicopedagogia, Didática, Psicologia da Educação, Princípios e Métodos de Alfabetização, Expressão Lúdica, Educação Infantil, Educação Especial, Educação de Jovens e Adultos e Filosofia que não é tanto o conteúdo que eu ensino e a formalidade e a precisão em transmiti-lo aos alunos que importa, mas os laços e as relações que eu construo com meus alunos e que implicam no sucesso do meu trabalho e, principalmente, na aprendizagem. A gente gosta de quem nos traz aconchego, carinho, afeto, compreensão, sem é claro deixar de se preocupar conosco, dar bons “puxões de orelha”, longos sermões e por vezes nos arrancar algumas caretas. Comecei a compreender através dos textos que lia, das experiências que analisávamos, dos debates com colegas e professores que alguns problemas que eu enfrentava na docência estavam relacionados a este aspecto: a afetividade. Logo eu que recebi tanto dos meus mestres e da minha família não poderia agir de forma diferente para com meus alunos. Minha rotina diária e maçante de resultados a apresentar para os órgãos públicos me deixavam cada dia mais fria e preocupada com números do que com o que minhas crianças sentiam, com o que enfrentavam no dia a dia para estar ali em sala de aula. Escolhi falar sobre este tema, pois antes de tudo acredito que o sucesso da aprendizagem está relacionado a afetividade que é empregada em cada fase de desenvolvimento da criança até a vida adulta, que as experiências ruins com professores ou membros da família relacionadas ao ensino podem marcar uma pessoa por toda uma vida. O objetivo deste trabalho a partir deste momento é aprofundar a temática do afeto como certeza de sucesso na aprendizagem.

3 A AFETIVIDADE E A APRENDIZAGEM

Nos últimos anos os estudos acerca do comportamento humano e principalmente do efeito das emoções no desenvolvimento do sujeito em aspectos como relacionamentos, desempenho escolar, trabalho, carreira, negócios tem ganhado cada vez mais espaço nas discussões científicas. O termo “inteligência emocional” tem sido utilizado para definir o papel das emoções no sucesso dos projetos de vida.

Para tanto é importante distinguir estes termos e conceituar cada um deles e as teorias que lhes dão suporte. É importante salientar que várias áreas de estudo se arriscam a definir as emoções como a filosofia, a antropologia, a neurociência, a economia, não concordando entre si em uma definição comum, no entanto para este trabalho vamos nos basear nas definições que tratam a psicologia, ciência a qual possibilita os estudos acerca da aprendizagem no âmbito da Pedagogia.

As definições de emoção, afetividade, sentimentos muito se confundem e geram dúvidas acerca do que é objeto de estudo no campo da psicologia. Por isso, seguem os conceitos conforme o dicionário Online de Português:

Emoção: substantivo feminino. Reação moral, psíquica ou física, geralmente causada por uma confusão de sentimentos que, diante de algum fato, situação, notícia etc., faz com que o corpo se comporte tendo em conta essa reação, expressando alterações respiratórias, circulatórias; comoção. Ação de se movimentar, deslocar. Etimologia (origem da palavra *emoção*). Do francês *émotion*; do latim *motio.onis*.

Afetividade: substantivo feminino. Conjunto dos fenômenos afetivos (tendências, emoções, sentimentos, paixões etc. Força constituída por esses fenômenos, no íntimo de um caráter individual).

Sentimentos: Emoções; capacidade de sentir, de se emocionar, de se comover diante de algo ou de alguém. Reunião das qualidades e tendências morais de uma pessoa. (DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUES, 2021).

Nos conceitos acima é possível encontrar as palavras emoção, sentimento, afeto repetidas em todas as explicações nos levando a crer que estas palavras são sinônimas e que possuem significados semelhantes.

Parafraseando Leite (2012) em seu artigo, busca-se neste trabalho aporte destes conceitos em autores da Psicologia contemporânea, denominados sociointeracionistas que centram suas ideias em pressupostos embasados na concepção materialista dialética, a qual acredita que o desenvolvimento humano e as funções superiores que caracterizam o homem devem ser explicados pelas relações que o homem mantém com a sua cultura e em seu ambiente social.

Ainda conforme Leite (2012), para os autores Henri Wallon e Lev Vygotsky “o objetivo da teoria psicológica do desenvolvimento humano é explicar os mecanismos pelos quais os processos naturais/filogenéticos, presentes no recém-nascido, se mesclam com os processos culturais e sociais para produzir as funções complexas que caracterizam o homem maduro” (LEITE, 2012, p. 360).

3.1 Conceitos: afetividade e emoção em Wallon e Vygotsky

Wallon desenvolveu sua teoria do desenvolvimento humano relacionando quatro grandes núcleos funcionais que para ele determinam o processo: afetividade, a cognição, o movimento e a pessoa. Para o autor o desenvolvimento do ser humano pode ser explicado pela relação indissociável entre fatores biológicos/orgânicos e sociais.

Em sua obra “A evolução psicológica da criança” – 1968, “Wallon define as emoções como manifestações de estados subjetivos, mas com componentes orgânicos (contrações musculares, viscerais, etc.)” (LEITE, 2012, p. 360).

Em Wallon, citado por Leite, a afetividade se difere das emoções por envolver um número maior de manifestações abarcando as emoções que têm como origem fatores biológicos, e os sentimentos que têm como origem fatores psicológicos. A afetividade incorpora vivências, formas de expressões complexas que se desenvolvem na medida em que o indivíduo se apropria dos processos simbólicos da cultura, incorporando ou externalizando emoções que são representadas pelo movimento corporal, pela capacidade de contagiar o outro e também pelas associações cognitivas que faz com o ambiente e as pessoas que nele estão.

Para Wallon a cognição e a emoção coexistem no indivíduo compondo uma unidade de contrários, pois uma não existe sem a outra, no entanto, ambas alternam sua predominância nas etapas do desenvolvimento. O autor concilia afetividade e inteligência, e acredita que os educadores possuem como desafio conseguir que o processo cognitivo aconteça no contexto escolar associado a manifestações afetivas e motoras, pois desta forma em sua crença haveria um desenvolvimento completo do indivíduo.

Assim como Wallon, que ressalta dentro da Psicologia do desenvolvimento uma visão sociointeracionista ao pensar no ser humano em seus aspectos físicos e psicológicos e nas suas relações com o ambiente, Lev Vygotsky acredita que a criança entra em contato com o mundo mediada pelo outro e pela linguagem, destacando a importância da família e do contexto histórico cultural que esta inserida.

Para Vygotsky (2001) citado por Emiliano e Tomás (2015):

a emoção é a reação reflexa de certos estímulos que são mediados a partir do meio sociocultural. As emoções são divididas em dois grupos, sendo um relacionado aos sentimentos positivos (força, satisfação, etc.) e outro relacionado aos sentimentos negativos (depressão, sofrimento, etc.). Cada cor, cheiro e sabor despertam um sentimento de prazer ou desprazer e as emoções despertadas relacionadas à vivência têm caráter ativo, servindo como organizador interno das reações, estimulando ou inibindo-as. (VYGOTSKY, 2001 apud EMILIANO, TOMÁS; 2015, p. 64)

Significa dizer em outras palavras que se fazemos algo com as emoções de alegria, por exemplo, continuaremos repetindo esta ação, mas se fazemos algo com repulsa no futuro vamos procurar formas de interromper ações que nos remetam aos sentimentos negativos desta ação. Vygotsky nos ajuda compreender como o desenvolvimento psicológico do ser humano é influenciado pelas condições sociais que ele está inserido. Se o indivíduo se encontra em uma família que o motiva e o incentiva com referências positivas, ele seguramente tem maior potencial de desenvolvimento psicológico, mas por outro lado se a sua família demonstra apenas referências negativas, seu desenvolvimento pode ser prejudicado. Isso inclui a apropriação cultural na qual o indivíduo é submetido ao longo de sua vida, se nasce em uma família com pouco acesso à educação e a manifestações culturais também terá os recursos e meios em seu ambiente limitados para um bom desenvolvimento cognitivo.

Leite (2012) compara as posições de Wallon e Vygotsky sobre afetividade e destaca pontos em comuns na visão dos autores:

a) ambos assumem uma concepção desenvolvimentista sobre as manifestações emocionais: inicialmente orgânicas, vão ganhando complexidade na medida em que o indivíduo desenvolve-se na cultura, passando a atuar no universo simbólico, ampliando-se e complexificando-se suas formas de manifestação; b) assumem, pois, o caráter social da afetividade; c) assumem que a relação entre a afetividade e inteligência é fundante para o processo do desenvolvimento humano (LEITE, 2012, p. 361).

Estes dois autores se complementam no que diz respeito a relacionar o sucesso do desenvolvimento humano as manifestações biológicas (emoções) e ao ambiente social em que essas manifestações se concretizam e como impactam positivamente ou negativamente no sujeito.

3.2 O papel da família e da escola no desenvolvimento da aprendizagem

Para criar uma ponte entre o orgânico e o social é necessário ter mediadores durante o processo de desenvolvimento humano. Nas etapas desta evolução conhecemos a infância, o adulto e o idoso. Como menciona Vygotsky na infância a família é o primeiro contato do sujeito com o mundo, sendo a mãe mediadora da criança com o meio, pois é em seu ventre que os primeiros laços afetivos são criados. Portanto a atitude dos pais, as suas vivências, as vivências afetivas e culturais do ambiente doméstico exercem influência precisa no desenvolvimento individual e no comportamento social do sujeito.

A base para a construção identitária do sujeito está em suas raízes, ou seja, em seus antepassados e na herança cultural que deixam enquanto convivem com os seus e quando partem. As crenças, os símbolos, a linguagem verbal e não verbal, as sensações de toque, abraço, as experiências sensoriais do paladar, da audição, da visão e do olfato são vivenciadas no lar de uma família.

Os fenômenos psíquicos que se manifestam sob forma de emoções são acompanhados de dor, prazer, agrado, desagrado, satisfação ou insatisfação e são primeiramente vividos junto da mãe, provedora do alimento, do aquecimento, do acolhimento e do cuidado da criança. É nessa fase da evolução humana que começam a se entrelaçar os núcleos funcionais propostos por Wallon na concepção do desenvolvimento. A afetividade que emerge do orgânico ao entrar em contato com o outro, adquire uma forma social e tende a amadurecer em forma de inteligência quanto mais em conflito e mobilização de afetos estiver.

A família é concebida como provedora da vida, dos alimentos e dos recursos para sobrevivência, mas também deve ser vista como o lugar onde se constrói um ser que é social, que tem necessidade do convívio com o outro e que deve ser preparado para as relações que irá experimentar quando for colocado em contato com vários seres humanos tão diferentes entre si.

Essa preparação, a construção das experiências positivas e negativas, a maneira de reagir a estas experiências são funções inicialmente de responsabilidade da família, e podem determinar a forma como esse indivíduo irá conduzir suas decisões ao longo de sua vida.

A afetividade não deve ser confundida com amor, carinho, zelo, pois já foi dito que é muito mais complexa do que um único sentimento, é a inter-relação entre emoção e inteligência. No entanto, não deixa de ser essencial ao ser humano vivenciar esta fase do desenvolvimento de forma saudável que lhe proporcione equilíbrio suficiente para enfrentar o passo seguinte ao seio familiar – o convívio escolar. É neste ambiente que as relações com outras crianças e adultos que não são do convívio da criança se fazem presentes, e que

propiciam descontinuidades, crises, conflitos e rupturas ao que parecia confortável dentro do ambiente doméstico. Assim a criança é capaz de experimentar emoções, prazeres, desprazeres, aversões, paixões e muitas outras sensações de ordem biológica ou psíquica que a tornará capaz de enfrentar situações que envolvam realização, frustração, aceitação, trabalho em equipe, as quais não seriam possíveis junto dos seus.

A importância da interação do homem com o meio e a necessidade de mediação nesta relação proposta por Vygotsky se faz presente na citação de Leite (2012):

Oliveira (1993) resume as ideias basilares da teoria vygotskyana: a) as funções psicológicas superiores têm suporte biológico, pois são produtos da atividade cerebral; o cérebro, assumido como a base biológica do funcionamento psicológico, é entendido como um sistema aberto e de grande plasticidade, o que permite as imensas possibilidades de realização humana e a enorme capacidade de adaptação do homem;

b) o funcionamento psicológico fundamenta-se nas relações sociais concretas entre o indivíduo e o mundo exterior, as quais se desenvolvem num processo histórico; assim, as funções superiores constituem-se na/pela cultura;

c) a relação homem-mundo é sempre mediada por sistemas simbólicos, o que coloca o conceito de mediação como central na teoria. Dentre os sistemas simbólicos, a fala é considerada fundamental para a construção das funções superiores, sendo internalizada nos anos iniciais do processo de desenvolvimento, passando a funcionar como um instrumento do pensamento (OLIVEIRA, 1993 apud LEITE, 2012, p. 361).

Um dos principais agentes culturais mediadores na relação homem-mundo é a escola - ambiente no qual o desenvolvimento humano acontece, pois há uma apropriação de elementos e processos culturais que emergem das relações externas (interpessoais) para internas (intrapessoais) mediadas pela ação do outro, normalmente o professor.

É no papel do professor e na construção da aprendizagem que se concentram algumas pesquisas recentes e no impacto da relação entre professores e alunos nas trajetórias acadêmicas. As relações afetivas e cognitivas entre alunos e professores passam por diferentes concepções e interpretações conforme o contexto social e histórico da época. Até o Século XX predominava os ideais da escola tradicional nos quais a razão e a objetividade deveriam ditar os caminhos do processo de ensino-aprendizagem, sendo a subjetividade (emoções, sentimentos, valores) desvalorizada. Essa postura da escola tradicional se reflete até hoje na estrutura das instituições escolares, currículos, programas educacionais, avaliações internas e externas, contribuindo para considerar apenas as dimensões cognitivas no processo de aprendizagem.

Diante das teorias de Wallon e Vygotsky fica claro o papel da afetividade na evolução da consciência de si, na comunicação entre os indivíduos, no motor do desenvolvimento e na consolidação da aprendizagem. Buaitti (2014) discorre sobre este papel:

O contato com o conhecimento formalmente organizado, nas atividades educativas, leva o sujeito a novas formas de pensamento, de se inserir, agir e de se relacionar com o seu meio, e a partir da expansão do conhecimento ocorre uma mudança na sua relação cognitiva com o mundo. Assim, a escolarização tem impacto crucial no desenvolvimento das funções psíquicas mais elaboradas e a qualidade do trabalho pedagógico é fundamental para a promoção do desenvolvimento dos alunos. (BUIATTI, 2014, p. 35)

E complementa ao citar Vygotsky (2001, p. 115) o papel essencial da aprendizagem no desenvolvimento integral do sujeito:

A aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem. Por isso, a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolvam na criança essas características humanas não-naturais, mas formadas historicamente (VYGOTSKY, 2001, p. 115, apud BUIATTI, 2014, p. 35)

A afetividade no ambiente escolar vai além da proximidade e do contato entre alunos e professores, mas na sua prática pedagógica e pode delimitar o fracasso ou o sucesso da aprendizagem. O tipo de relação que vai se estabelecer entre um aluno e determinado conteúdo escolar, é mediado pelo professor, na medida em que as práticas pedagógicas dependem do seu planejamento e da maneira como são desenvolvidas. A aproximação positiva de um aluno e um conteúdo depende da consciência que este desenvolve sobre o sucesso do seu processo de aprendizagem sobre tal conteúdo, por outro lado, o inverso também é verdadeiro, já que se o aluno concebe o seu fracasso em determinado conteúdo promove o afastamento, causa das repetências e evasões escolares.

As interações em sala de aula não se limitam ao domínio do conteúdo pelo professor ou a maneira como ele transmite as informações aos alunos, é muito mais complexo. São variadas formas de atuação que envolvem bem mais atitudes comportamentais do que capacidade técnica por parte do professor. As crenças, os valores, sentimentos, desejos, engajamento, humor, o que se diz e como se diz, em qual momento e a justificativa afetam cada aluno individualmente. Está bem mais relacionado a afetividade entre os sujeitos (aluno-professor) do que outras variáveis. Algumas pesquisas como as de Leite e Tassoni (2021) revelam quais aspectos são observados pelos alunos em um professor em sua prática pedagógica, como o apoio durante as atividades, a preocupação e atenção quando os alunos

não estão se saindo bem, aspectos da personalidade do professor, como gentileza, tom de voz, senso de humor, didática, exigência, percepção de bem estar dos alunos. Tal pesquisa é evidência de que a afetividade na relação entre os sujeitos é determinante no processo de desenvolvimento da aprendizagem.

Mas é possível deixar claro que não bastam postura e comportamento que agrade aos alunos se o trabalho pedagógico do professor não possui a mesma característica. Por exemplo, professores que usam repetidos recursos e técnicas para suas aulas, que utilizam avaliações muito objetivas e que não valorizam as diferentes habilidades dos alunos, que não se propõem a valorizar as experiências dos alunos e refletir sobre de que maneira podem tornar um conteúdo atrativo para que os alunos possam sentir prazer na aprendizagem, não constroem a confiança, o vínculo afetivo que lhe conferem o direito de ensinar ao sujeito.

Também não é possível atribuir ao professor sozinho tamanha carga de responsabilidade, sem pensar as condições de trabalho que este possui, técnicas, recursos, métodos, e sem dúvida o apoio de uma família intermediando o sujeito – o aluno- e o agente cultural – a escola. É importante uma equipe pedagógica e uma comunidade que comunguem dos mesmos objetivos, e do mesmo objeto – o conhecimento, e que para tanto valorizem as dimensões cognitivas e afetivas deste processo, que encontrem o equilíbrio sem valorizar mais uma dimensão do que a outra, mas reconhecendo a sua interdependência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da narrativa de minha história familiar, escolar e de minhas experiências como docente e das teorias que embasaram meu trabalho, é notável reconhecer o papel da afetividade na qualidade da mediação pedagógica, é determinante nos vínculos que irão se estabelecer entre os sujeitos que aprendem e o objeto que se ensina – o conhecimento. Não se defende neste trabalho que o professor deve ser e trabalhar por amor, e que este sentimento, assim como carinho e o afeto sejam o leme que direciona o seu trabalho. Não é possível apenas trabalhar por amor, a menos que seja milionário. Este não é o eixo de minha pesquisa.

É claro que deixo aqui também registrado que recebi muito amor de todos que me cuidaram ao longo dos meus 33 anos, mas não foi pelo amor que cheguei até aqui. Foi na dor e no amor, aos “trancos e barrancos”, como diz o ditado. Meu ambiente escolar e mais tarde a universidade foram os espaços que mais me exigiram responsabilidade, originalidade, empenho, perseverança, persistência e acima de tudo muito conhecimento. Os mestres foram exatamente o que descrevi em meu trabalho, mediadores de excelência. Souberam trabalhar o conhecimento para a vida e me prepararam para todas as situações, adversas ou não. Mostraram-me o caminho e, por vezes, me fizeram refletir sobre minhas escolhas. Exigiram de mim até que minha mente não enviase tantos sinais de medo, e meu corpo me movimentasse a aprender, ser corajosa e insistir muito, mesmo que a vontade da mente fosse desistir. Mediar com afetividade é saber equilibrar corpo e mente, é lembrar que antes de seres humanos que pensam, que escrevem, que leem, que calculam, que desenham, que analisam, somos filhos, netos, e temos nossos dias bons e ruins; é lembrar que ficar doente não é fraqueza, mas que ficar melhor e continuar lutando é coragem, é superação. É lembrar que ser honesto vale a pena, que reconhecer nossos erros é importante, que não saber de tudo sempre é humildade e que ter sabedoria para reconhecer que não existe verdade absoluta é estupendo.

Ser afetivo e ser assertivo é possível. Não é preciso ser tolo ou frágil para ser um bom professor. Insistir em um propósito de vida que é tornar seus alunos pessoas de bem é maior do que qualquer frase desmotivadora de colegas de profissão que ao lhe ver dando “murro em ponta de faca” dizem: “não sei por que você ainda insiste, fica na sua e não se desgasta por isso, não vale a pena”. É lembrar que sábios são os que pensam, que existem, e não os que se calam e assistem. É lembrar que família é importante e que a escola pode ser um lar para quem não tem condições de ter família. Encerro meu trabalho com enorme sensação de gratidão aos diversos espaços escolares e não-escolares que me encontrei na

infância, na adolescência, e aos que ainda irei frequentar adulta ou idosa. Muito orgulho de ser quem sou, pelos que me tornaram o que sou como filha, neta, aluna e docente.

REFERENCIAS

ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. Quem somos. 2021. Disponível em:< <https://www.abnt.org.br/institucional/sobre>>. Acesso em: 05 nov. 2021

AFETIVIDADE. In.: Dicio, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em:< <https://www.dicio.com.br/afetividade/>>. Acesso em: 06 nov. 2021

BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre Barbosa; PASSEGI, Maria da Conceição, (Org) **Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. 286p.** (Coleção Pesquisa (Auto)Biográfica ∞ Educação)

BERNARDES, Maria Irene M. **MEMORIAL ACADÊMICO: Trajetórias, histórias e aprendizagens.** Uberlândia, 2021. Disponível em:<<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/31765/1/MemorialAcad%C3%AAmicoTrajet%C3%B3rias.pdf>>. Acesso em: 28 de setembro de 2021

BUIATTI, V. P. **Psicologia da Educação IV. Coleção Pedagogia a Distância UFU/UAB.** Uberlândia-MG: Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Aberta do Brasil, 2014. 66p.

BURIN, Fátima Osmari. **As emoções e a afetividade na aprendizagem segundo Wallon.** Impare Educação. Disponível em:< <https://www.impare.com.br/post/asemo%C3%A7%C3%B5es-e-a-afetividade-na-aprendizagem-segundo-wallon>>. Acesso em: 06 nov. 2021.

EMILIANO, Joyce Monteiro; Débora Nogueira, TOMÁS. **Vigotski: a relação entre afetividade, desenvolvimento e aprendizagem e suas implicações na prática docente.** Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro- SP, 2 (1): 59-72, 2015

EMOÇÃO. In.: Dicio, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em:< <https://www.dicio.com.br/emocao/>>. Acesso em 06 nov.2021

FRANÇA, Maira Nani; FUCHS Angela Maria Silva; PINHEIRO, Maria Salete de Freitas. **Guia para normalização de publicações técnico-científicas,** Uberlândia: EDUFU, 2013. 286p.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Afetividade nas práticas pedagógicas. Universidade Estadual de Campinas – Campinas, SP. **Temas em Psicologia** – 2012, Vol. 20, no 2, 355 – 368.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva; TASSONI, Elvira Cristina Martins **A afetividade em sala de aula: As condições do ensino e a mediação do professor.** Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas, 2021. Disponível em :< <https://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASL-AAfetividadeemSaladeAula.pdf>>. Acesso em: 06 nov. 2021.

REGONATTO, Raquel. A importância da afetividade no desenvolvimento e aprendizagem. Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai – IDEAU. **Revista de Educação do IDEAU,** v. 8, n. 18 - Julho - Dezembro 2013. 13p.

SENTIMENTOS. In.: Dicio, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2021.
Disponível em:< <https://www.dicio.com.br/sentimentos/>>. Acesso em 06 nov.2021.

UFVJM. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, 2017. **RESOLUÇÃO Nº. 22** – CONSEPE, DE 16 DE MARÇO DE 2017. Disponível em:<http://site.ufvjm.edu.br/icet/files/2018/09/TCC-UFVJM-RESOLUCAO-Consepe-n%C2%BA-22-2017.pdf>. Acesso em: 05 nov. de 2021.

UNB, Universidade de Brasília. **Manual do TCC**. Disponível em:< <http://fac.unb.br/tcc/>>. Acesso em:01 nov. 2021.